

**Comunicação como processo:
um olhar político e discursivo para um cartaz de manifestação de rua**

***Communication as a process:
a political and discursive look at a street demonstration poster***

Tatiani Daiana de NOVAES¹

Resumo

Os objetivos deste artigo são: apresentar o gênero discursivo “cartaz de protesto” como um processo comunicacional importante socialmente e, a partir da concepção sociointeracionista da linguagem, mais especificamente, fazendo uso do método sociológico de Bakhtin, apresentar uma análise política de um cartaz de protesto. A análise bakhtiniana leva em consideração reflexões sobre o conteúdo temático, estilo e construção composicional. A comunicação por meio da linguagem tem caráter socioideológico e não pode ser analisada fora do seu contexto de produção, ou seja, sem que se reflita a respeito de quem comunica, com quem se comunica, com qual objetivo comunicativo; sem analisar o momento político e histórico e as ideologias que perpassam o cartaz. Com isso, percebeu-se que as práticas comunicacionais refletem, por meio do discurso, os fatos políticos e históricos.

Palavras-chave: Práticas comunicacionais. Cartazes de protesto. Análise do discurso.

Abstract

These article's aim are, to present the june 2013 protest signs as socially important communication processes and, from the language social interactionist concept, more specifically, making use o Bakhtin's sociological method, to present a political analysis of protest signs. The bakhtinian analysis takes into consideration reflections on the thematic content, construction and compositional style. The communication through language has sociological nature and cannot be examined out of its production context, namely, without to consider who is the communicator, with whom he communicates, with which communicative purpose, without to analyze the political and historical moment and the ideologies that run through the signs. With that, we notice that the communicational practices mirror, for means of speech, the political and historical facts.

Key-words: Communicational practices. Protest signs. Speech analysis.

¹ Doutoranda em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná. Bolsista CAPES/Fundação Araucária. Professora do Instituto Federal do Paraná. E-mail: tatiani.novaes@ifpr.edu.br

Introdução

As Considerações finais estão apenas repetindo o que já disse na análise, tornando-se óbvio. Creio que mais alguma coisa pode ser inferida do papel que tem um cartaz nas mãos de uma pessoa anônima, no meio da multidão e que passa a ser referencial de um protesto, na grande mídia. Trata-se de um "enunciado" que compõe um poderoso discurso.

Este artigo tem dois objetivos principais. O primeiro deles é compreender os cartazes de protesto de junho de 2013 como processos comunicacionais de relevância social. O segundo é apresentar uma análise discursiva de um dos cartazes. Tal análise fará uso da concepção sociointeracionista da linguagem e do método sociológico de Bakhtin. Assim, a reflexão feita irá girar em torno de elementos que serão posteriormente detalhados como: o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional e o contexto em que o cartaz está inserido, ou seja, manifestações populares de rua de junho de 2013 no Brasil.

As jornadas de junho de 2013 foram difusas, tiveram pautas cambiantes e marcaram a história do presente. Os protestos de 2013, que aconteceram fortemente nas grandes capitais do país e que se espalharam por várias cidades, tiveram como pauta inicial o aumento da tarifa de transporte público.

Os protestos tiveram visibilidade em agosto de 2012, em Natal, com aproximadamente duas mil pessoas. Em março de 2013, representantes do PSOL protocolaram, em Porto Alegre, uma ação cautelar contra o aumento das tarifas. Já em Goiânia, o movimento teve seu auge em maio de 2013 e em junho as tarifas de ônibus voltaram ao seu valor normal.

Também em junho de 2013, momento mais significativo das manifestações, organizado por meio de redes sociais como Facebook e Twitter, encabeçado principalmente pelo Movimento Passo Livre, os protestos ganharam força em São Paulo e, sem seguida, em várias cidades como: Rio de Janeiro, Sorocaba, Maceió, Porto Alegre, Fortaleza, Curitiba e Teresina.

De modo similar aos movimentos que aconteceram no mundo como: “Primavera Árabe”, “Occupy Wall St” e “Los Indignados”, os protestos de 2013 se

propagaram rapidamente. As mobilizações logo ganharam visibilidade internacional e as pautas foram ampliadas: corrupção; má qualidade de serviços públicos; propostas de emendas constitucionais; “cura gay”; estatuto do nascituro; gastos com mega eventos esportivos; democratização das mídias; reforma política; entre outros.

Linguagem enquanto processo comunicacional

Várias das pautas dos manifestantes ficaram conhecidas graças aos cartazes de protesto. Foram eles que, muitas vezes, esclareceram as revoltas, os motivos, os temas que levaram a população ir para as ruas. Considera-se aqui, o cartaz enquanto uma prática comunicacional importante historicamente e politicamente uma vez que ela nasce da necessidade de um momento histórico - político e reflete ideologias. Segundo Ricci:

(...) os cartazes que foram se revelando a cada manifestação indicavam que cada um ou pequeno grupo constituía uma manifestação em si. Gays e ecologistas, defensores da demarcação das terras indígenas e da causa Guarani Kaiowá, pela tarifa zero, pelo padrão FIFA de saúde pública, contra o mau uso do dinheiro público, contra os governantes de todas as cores e agremiações, tudo cabia, tudo tinha cabimento. Na própria manifestação, alguns se achavam e escreviam seus cartazes de momento, sua demanda recém-descoberta. A rua se configurou na escola política em movimento, dinâmica, sem dono. (RICCI, 2014, p. 22).

Por entender que as práticas comunicacionais- portanto o cartaz de protesto- como um discurso ideológico, pretende-se analisá-lo a partir da concepção sociointeracionista da linguagem, com base em pressupostos bakhtiniano. O percurso metodológico de Bakhtin – conhecido como método sociológico- leva em consideração, na análise comunicacional, reflexões sobre o conteúdo temático, estilo e construção composicional, aspectos apresentados na obra “Estética da criação verbal” e que estão inter-relacionados, ou seja, não podem ser compreendidos separadamente.

Na concepção sociointeracionista, a comunicação e a linguagem têm suas bases no dialogismo, é um ato social, se dá por meio da interação e tem natureza socioideológica. Para Bakhtin (2004, p.31), “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”. Ao levar em consideração o outro, admite-se a interrelação também com o mundo.

Segundo Travaglia (2001), a concepção sociointeracionista é representada por várias correntes de estudo intituladas como Linguística da Enunciação, tais como: a Linguística Textual, Teoria do Discurso, Análise do Discurso, Análise da Conversação, Semântica Argumentativa, além de estudos relacionados à Pragmática.

Corroborando com a reflexão acima, Costa-Hubes afirma que “o que estas correntes têm em comum é o fator histórico e o fato de terem se estabelecido como disciplinas dentro de uma ciência específica, a Linguística, e de se sustentarem na filosofia da linguagem” (COSTA-HÜBES, 2008, p. 109). E todas as correntes citadas a língua é entendida como elemento histórico e a interação social é levada em conta. Assim, a língua deixou de ser vista com o olhar de quem analisa frases soltas, isoladas do contexto de produção e desatreladas à função do gênero discursivo.

Isso é fundamental para a compreensão de linguagem dialógica proposta por Bakhtin, os discursos não são um emaranhado de orações gramaticais, mas um grupo de enunciado que suscitam a atitude responsiva do receptor (BAKHTIN, 2003, p.278).

Na Linguística da Enunciação os sujeitos interagem por meio do que é chamada de “enunciado”, que é a materialização da língua em determinado contexto social, concretizando-se em gêneros discursivos. Tal interação é feita por determinado grupo social, relacionada à determinada esfera da atividade humana que tem determinadas necessidades comunicativas. As esferas da atividade humana são as esferas sociais, tais como: esfera cotidiana, escolar, esfera do trabalho, etc. Para Bakhtin (2000, p. 269), “enunciado é a unidade real da comunicação discursiva”.

Este trabalho leva em conta a ordem metodológica para o estudo da língua enquanto processo comunicacional apresentada por Bakhtin (2004) em que alguns aspectos são levados em conta tais como:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual. (BAKHTIN, 2004, p.124).

A comunicação e a linguagem são resultados de produções coletivas, assim, são sociais, dialéticas e construídas através de processos interacionais. Para Bakhtin, a

linguagem deve ser compreendida para além da sua estrutura, deve se levar em conta as marcas da coletividade e da historicidade.

O conteúdo temático para Bakhtin “é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas é igualmente determinado pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN, 2004, p, 128). Assim, entende-se que o tema vai além do texto propriamente dito porque leva em consideração o contexto, a história, a origem da enunciação. Entende-se conteúdo temático como sendo um aspecto relacionado aos objetivos comunicativos em relação ao assunto abordado.

Já o estilo remete as marcas individuais do sujeito, que envolve preferências vocabulares, gramaticais, modais e seleções linguísticas relacionadas às estruturas frasais, por exemplo. Para Bakhtin (2000) o enunciado é individual e assim, acaba por refletir a esfera social, o estilo do gênero discursivo e do autor.

Além do estilo individual, os próprios gêneros discursivos são marcados por determinados estilos de linguagem. O estilo de linguagem de um blog se difere de um estilo acadêmico, por exemplo, principalmente no que tange a formalidade e informalidade, objetividade e subjetividade, pessoalidade e impessoalidade. Então, trata-se do modo como o conteúdo é apresentado no plano composicional do gênero.

Há gêneros discursivos que limitam um pouco o estilo do sujeito, como aqueles relacionados à redação técnica, por exemplo: memorando, ata circular, declaração, entre outros da esfera cotidiana como: lista de compras, bilhetes, etc. Porém há também gêneros que viabilizam o estilo, como é o caso dos gêneros da esfera literária.

A estrutura composicional, outro aspecto do método sociológico de Bakhtin, diz respeito aos padrões, características, marcas típicas de organização textual dos gêneros discursivos. Tratam-se então da estrutura, aspectos um pouco mais relacionados à forma do gênero.

Para Marcuschi (2003, p.8), “o suporte e *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. O suporte é um elemento importante no momento de distinguir o gênero discursivo e influencia no efeito do sentido da mensagem uma vez que dialoga com o contexto de produção dos discursos. Para o autor, o suporte pode ser ocasional (tem a

função de portar ou fixar o texto) ou incidental (suportes ocasionais ou eventuais), superfície física que por alguma circunstância, funciona como suporte.

Os cartazes de protesto das manifestações de junho de 2013 são produzidos por várias comunidades discursivas: estudantes, trabalhadores, sujeitos de classe social baixa, de classe média, pertencentes ou não a grupos organizado como o “Movimento Passe Livre”, pessoas muito escolarizadas, pouco escolarizadas, que por motivos diversos resolveram agrupar-se a massa que foi as ruas em 2013.

Tal gênero discursivo é produzido normalmente: em cartolina ou papel cartaz, com letras grandes. O interlocutor não recebe o texto em mãos, ele os lê por meio da grande mídia que cobre a manifestação, no momento em que vai ao encontro dos manifestantes ou quando passa por eles nas ruas.

Observa-se que a mensagem do cartaz é dada por meio de palavras de ordem, por frases de efeito, aviso e recomendações aos parlamentares, convite para a população juntar-se aos manifestantes e uso de verbos no imperativo, tais como: “enfia os 20 centavos no SUS”, “quando seu filho ficar doente, leve ele ao estádio”, “o povo não deve temer o governo, o governo deve temer o povo”, “não é pelos vinte centavos, mas pelo o que ele representa”, “abaixa a tarifa e manda a conta para FIFA”, “saímos do facebook”, “queremos hospitais padrão FIFA”, “ou para a roubalheira ou paramos o Brasil”, “ideias são a prova de bala”, “saia do Xvídeos e vem pra rua”, entre outros exemplos.

No que se refere à sequência textual, é possível afirmar que há predominância da argumentação. Segundo Bronckart (2008), a identificação das marcas retóricas e a compreensão em torno da noção de sequência textual facilitam a organização sequencial também do conteúdo temático. Há cinco tipos básicos de sequências, ou seja, de modos de planificação propriamente linguísticos: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. Para Marcuschi (2005), há também a expositiva e injuntiva, além das já apresentadas.

Contexto histórico e político do cartaz de protesto da jornada de junho

Para analisar o cartaz de protesto escolhido para este artigo, faz-se necessário compreender o contexto social, histórico, político e partidário em que aconteceram as

jornadas de junho, neste caso, ano de 2013, durante o primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores.

Segundo Plínio de Arruda Sampaio Jr. (2013), as jornadas de junho não foram manifestações centralizadas por partidos políticos tradicionais, porém contaram com a participação atuante e convocatória de sindicatos, movimentos sociais e organizações políticas.

Sendo assim, mesmo sendo se tratando de manifestações espontâneas, percebe-se a participação, não protagonizada, de grupos marcados pela militância, pela crítica à ordem social, pelo anarquismo e pela resistência ao capitalismo, tais como: Black Blocs, Anonymous, PSOL, PSTU, Movimento Passe Livre o mais notório deles, entre outros.

Junto com os grupos historicamente experientes uma massa de trabalhadores e estudantes compreenderam que era preciso ir à luta, resolveram usar a força da mobilização social e deixar claro que estudantes e trabalhadores não estão satisfeitos com as condições de vida das grandes cidades.

Para Plínio de Arruda Sampaio Jr. (2013), o trabalhador brasileiro há anos passa por situação de exploração e tem o salário mínimo defasado:

O ciclo de crescimento recente não reverteu o violento arrocho salarial a que o trabalhador foi submetido desde 1964 e que foi substancialmente agravado nos anos 1980 com a ofensiva neoliberal imposta pelos programas de ajustamento do FMI. Apesar do esforço de recuperação do valor do salário mínimo iniciado em meados da década de 1990, seu poder aquisitivo permanece inferior ao verificado no início dos anos 1980 e o salário médio real do trabalhador continua no patamar do início do Plano Real. A distância gritante entre o salário mínimo estipulado pela Constituição e o salário mínimo efetivamente pago deixa patente a dependência absoluta da economia brasileira em relação à superexploração do trabalho – a verdadeira galinha dos ovos de ouro do capitalismo brasileiro. (ARRUDA, 2013, p.02).

Sabe-se que houve avanços em vários campos da política, o governo PT, nos últimos doze anos gerou muitos empregos, porém 95% deles de faixa salarial até dois salários mínimos e um terço em atividades precarizadas de serviços terceirizados, não contribuindo em nada com a flexibilização e melhoria das relações de trabalho (ANTUNES, 2013).

A insatisfação popular em relação às ações políticas como a divisão internacional do trabalho, a desnacionalização da economia, a liberalização progressiva da economia e as novas formas de exploração do trabalho que vieram junto com o

capitalismo atual aparecem direta ou indiretamente nos diversos cartazes dos manifestantes das várias cidades e momentos diferentes de junho de 2013.

Análise do cartaz de protesto da jornada de junho de 2013



Figura 01- Cartaz de protestos

Fonte: Folha Uol (2013): <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/17053-cartazes-dos-protestos>

O cartaz apresentado foi encontrado no jornal “Folha de São Paulo”, verão online, no dia 17 de junho de 2013, reforçando a compreensão da política atual. A legenda que acompanha a imagem é “Em Niterói, manifestante dirige mensagem de seu cartaz aos policiais”, assim, o contexto em que o texto foi escrito fica ainda mais explícito.

A esfera de circulação do cartaz de protesto é a cidadã, justamente por estar relacionada ao exercício de direitos políticos e sociais, sendo protestar um deles. A provável autora deste cartaz é a jovem brasileira que o segura. Segundo dados da Pesquisa Ibope Nacional realizada em 20 de junho de 2013 e publicada na obra “Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013”, de Rudá Ricci, quase a metade dos manifestantes, 43% mais especificamente, são jovens entre 14 e 24 anos, assim, a autora está no lugar social de protestante, de brasileira, de cidadã insatisfeita com a situação social atual e com a atitude dos policiais que a cercam.

De uma maneira geral, os cartazes de protesto das jornadas de junho têm como interlocutores parlamentares, governos e sistemas partidários. Neste caso os interlocutores são os policiais que atuam profissionalmente nas manifestações.

Os temas típicos de cartazes de protestos são aqueles relacionados à acontecimentos atuais atrelados à: educação, saúde, questões trabalhistas, etc. Para Bakhtin (2004, p. 128), o tema vai além da mensagem escrita, de origem marxista, o autor considera a situação história concreta em que o enunciado aconteceu. Assim, o tema do cartaz em questão é a exploração de trabalhadores em geral, inclusive dos soldados que estão tentando conter os trabalhadores em geral.

O objetivo comunicativo do cartaz é alertar os policiais que “obedecem” o sistema, ou seja, estão à serviço do governo quando deveriam estar também protestando, isso está colocado implicitamente no cartaz.

O objetivo do artigo não é analisar música, porém, é inevitável associar o cartaz à canção “Fardado”. No ano de 2014, portanto após manifestações de junho de 2013, a banda musical chamada “Titãs”, mais especificamente os compositores Sérgio Britto e Paulo Miklos compuseram a canção “Fardado”. Um dos enunciados que chama atenção é o trecho “Fardado, você também é explorado”. A música não faz relação direta às manifestações de junho, mas faz referência à manifestações de maneira geral, uma vez que solicita proteção policial “Por que não usa a farda pra servir, pra proteger?”, introduz palavras de ordem como “Ponha-se no seu lugar”, faz referências às ruas “Por que não abre a rua e limpa essa merda?”, “Por que não abaixa esse escudo?”, “Por que você não escuta o que eu falo?”.

Segundo dicionário Houaiss (2001), o sentido da palavra “explorado” está relacionado ao “fazer alguém produzir”, ao “abusar de pessoas para viver às custas delas”. Assim, o discurso não é neutro, ele tem uma finalidade ideológica- discursiva que dialoga com o contexto histórico e político e com a categoria “trabalho”.

O enunciado do cartaz expressa explicitamente que o soldado é explorado e implicitamente, por meio da conjunção “também”, que a autora do cartaz é tão explorada quanto o soldado, ficando clara a posição do sujeito que escreve o cartaz. Aqui, “também” é uma conjunção que estabelece uma relação de soma, ambos são explorados: soldado e autora do cartaz. A coesão sequencial dada pela conjunção

garante o encadeamento da ideia. Para Bentes (2004, p. 280) “a progressão do texto pode ser percebida pela forma como o tema é, ao mesmo tempo, mantido e renovado”.

Sentir-se explorado e achar que o outro é explorado reafirma a insatisfação das relações de capitalistas de trabalho e dialoga com dados citados anteriormente relacionado à falta de flexibilização, salários baixos e precarização da geração de emprego no governo da última década.

No que se refere à estrutura composicional, percebe-se que o enunciado materializa o gênero discurso “cartaz de protesto”. Há certa regularidade no gênero discursivo, o texto é um típico cartaz de protesto, mensagem curta, objetiva e provocativa. O pronome de tratamento “você” força um diálogo direto com o interlocutor em questão e o ponto de exclamação torna o enunciado mais enfático, assim como a escolha da cor vermelha no texto. A entonação expressiva do discurso reforçada pelas cores e ponto de exclamação não ocorre isoladamente, alias, nada aqui será analisado de modo isolado, eles estão em consonância com o gênero discursivo “cartaz de protesto” e com o enunciado propriamente dito.

O texto é predominantemente argumentativo, considera-se um texto argumentativo aquele em que se concentra em defender um ponto de vista, além disso, percebe-se que a autora tem a intenção de persuadir o interlocutor, fazendo com que ele passe a aderir à causa.

Percebe-se que o verbo está conjugado no tempo presente do modo indicativo “é”, marcando a história do presente.

No que se refere ao estilo, percebe-se que o cartaz não pretende ser engraçado como vários presentes no mesmo protesto. Ele remete a uma reflexão política, direciona o discurso por meio do pronome de tratamento “você”, solicita um engajamento e faz escolhas lexicais com grande carga semântica como “explorado”.

A situação comunicativa é de manifestação popular e o suporte de circulação do texto, ou seja, o local onde é feito o registro é o papel bobina.

Quanto à circulação social do texto pode-se informar que inicialmente ele circulou no protesto de junho, da cidade de Niterói, Rio de Janeiro e, em seguida, circulação na internet, no site do jornal “Folha de São Paulo”, em 17 de junho de 2013. O que leva uma autora desconhecida ter seu texto lido em um importante site de notícias não é seu prestígio pessoal, sua credibilidade, mas o fato de estar participando de uma

grande manifestação. O papel social da autora não é de alguém influente, mas de cidadã indignada.

Considerações finais

A partir da breve análise feita – apenas uma das possíveis leituras do discurso em questão - percebe-se que o cartaz analisado e os cartazes em geral são processos comunicacionais históricos e políticos e, principalmente, é possível concluir que ele reflete linguisticamente ideologias do momento contemporâneo.

Ao compreender o cartaz de protesto a partir de aspectos bakhtinianos: o conteúdo composicional, estilo e tema, é possível comprovar na prática o que é dito na teoria, ou seja, que a comunicação é dialógica, relacional, é a também a língua em uso e é um ato social.

Diante disso, percebe-se a relação complexa entre escrita e interpretação e o quanto essa relação comunicacional reflete como o sujeito pensa o mundo em que vive.

Referências

ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**, São Paulo, Boitempo, 2013.

ARRUDA, Plínio de Jr. **Jornadas de junho e revolução Brasileira**. Disponível em: <<http://www.herramienta.com.ar/herramienta-web-14/jornadas-de-junho-e-revolucao-brasileira>> outubro de 2013. Revista Hermenita debate y crítica marxista. Acesso em set. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BENTES, Ana. Christina. (Orgs.). **Introdução à lingüística 3: fundamentos epistemológicos**, São Paulo: Cortez, 2004.

BRONCKART, Jean. Paul. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Trad. Anna Rachel Machado; Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas, Mercado de letras, 2008.

COSTA-HÜBES, Terezinha. **O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná: um resgate histórico-reflexivo da formação em língua portuguesa.** Londrina, PR: UEL, 2008 (Tese de doutoramento).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte dos gêneros textuais.** DLCV: Língua, lingüística e literatura. João Pessoa, 2003

_____. In DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs). **Gêneros textuais e ensino.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

RICCI, Rudá; ARLEY, Prley. **Nas ruas: A outra política que emergiu em junho de 2013.** Belo Horizonte: Letramento, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz. Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.